



Ítalo Dant*

RESUMO

Vivemos numa sociedade pós-cristã e pós-política de cariz niilista. Nosso objetivo nesse artigo é fazer uma análise compreensiva dos proponentes atuais da cosmovisão transumanista, na qual assumem a posição que esse processo de transformação do homem pós-moderno no super-homem pós-humano será algo inescapável, inevitável, e colidirá com a história humana em não muito tempo. Este artigo tem o objetivo de analisar alguns dos fundamentos, baseado na fala dos precursores do pensamento niilista e tecnológico contemporâneo, as motivações filosóficas por trás do movimento transumanista, suas propostas para o homem pós-humano, trazendo à baila os comentários de seus principais teóricos, sua proposta antropológica e soteriológica através da tecnologia, assim como trazer outros pontos de vistas, a partir da visão destes autores, sobre questões bioéticas e neuroéticas acerca desse futuro transumano.

Palavras-chave: Transumanismo. Pós-modernidade. Nihilismo. Bioética.

Transhumanism: Post-humanity or sub-humanity?

ABSTRACT

We live in a post-Christian, post-modern, nihilistic society. The current proponents of the transhumanist worldview usually say that this process of transformation of post-modern man into the post-human superman will be something inescapable, inevitable, and will collide with human history in not too long. This article aims to analyze the foundations and precursors of the technological nihilist thought, the philosophical ideas behind the transhumanist movement, its proposals for the posthuman man, bringing up the comments of its main theorists, its anthropological and soteriological proposal through technology, as well as bringing other points of view, from the vision of these authors, about bioethical and neuroethics issues concerning this transhuman future.

Keywords: Transhumanism. Postmodernity. Nihilism. Bioethics.

Transhumanismo: pós-humanidade ou sub-humanidade?

Introdução

Vivemos numa sociedade pós-cristã, pós-moderna, de cariz niilista. Os proponentes atuais da cosmovisão transumanista costumam dizer que esse processo de transformação do homem pós-moderno no super-homem pós-humano será algo inescapável, inevitável, e colidirá com a história humana em não muito tempo. Este artigo tem o objetivo de analisar os fundamentos e precursores do pensamento niilista tecnológico, as ideias filosóficas por trás do movimento transumanista, suas propostas para o homem pós-humano, trazendo à baila os comentários de seus principais teóricos, sua proposta antropológica e soteriológica através da tecnologia, assim como trazer outros pontos de vistas.

A ficção científica ganhou o mundo com os contos fantásticos de Jules Verne, durante o século 19. Muitos autores modernos, como Isaac Asimov, A. C. Clarke, H. G. Wells, entre outros, foram tão proféticos como Jules Verne, ao introduzirem a ideia de foguetes, satélites estacionários, inteligências artificiais e ciborgues, homens máquina. À primeira vista, o transumanismo parece ser uma ideia saída desses contos e romances de ficção, porém, ao passar dos anos, ganhou tanta repercussão que se tornou não só uma possibilidade remota, mas parece já ser presente na vida e nas aspirações de renomados pesquisadores, tanto do campo das ideias quanto do campo das ciências. Existem vertentes transumanistas que buscam aumentar a vida humana, descobrir o que provoca o envelhecimento e a senescência celular. Outros vão mais além, como os que buscam miscigenar a espécie humana com outras espécies animais, criando quimeras capazes de aumentar sobremaneira as capacidades sensoriais humanas. Outros buscam criar quimeras animais, com órgãos humanos, na busca de sintetizar uma verdadeira fazenda de órgãos. Outros estimam a utilização de clones humanos, com o mesmo objetivo.

Outros buscam ainda a integração do homem com a máquina, e essa é a vertente mais popular, e conseqüentemente, a mais complexa, levantando diversas questões bioéticas. Muitas figuras públicas como Elon Musk, Ray Kurzweill, Yuval Noah Harari, dentre outros, parecem promover essa nova cosmovisão, onde o mundo se tornará cada vez mais integrado, em direção ao mundo administrado (ADORNO, 1985, p. 8), mesmo ameaçado por práticas ou teorias, até filosóficas, objetivamente sem abrir mão dela, em busca da liberdade total.

Mas haveria realmente liberdade num mundo completamente integrado e administrado? A cosmovisão transumanista, que prega a inserção da humanidade no maquinário cibernético, o fim da evolução e do esclarecimento, realmente seria uma libertação, seja da carne, das doenças, da violência, ou seria de fato a derradeira prisão, a concretização máxima da jaula de ferro burocrática kafkiana? Haveria liberdade no *panopticon* pós-humanista? Como a humanidade chegou nesta escolha de Sofia, entre uma humanidade bio-conservadora que busca manter uma certa integridade no que significa ser humano, e uma pós-humanidade transumanista, que busca transcender tudo que pode ser identificado com o que sabemos ser homem? Quem está por trás desse aparente inescapável futuro, e quais suas ideias? Até onde, em termos éticos, a comunidade de *biohacking* almeja implementar *hardware* em humanos? Quais as consequências humanas e éticas da *Internet dos Cérebros* e da comunicação entre diferentes cérebros de forma digital? Uma forma de vida sintética, mesmo uma célula, é passível de direitos? Quais as consequências da criação ou manipulação genética de uma célula sintética ou peptídios e seu uso em um organismo biológico tradicional? Seria o futuro da medicina o design e a terapia gênica, ao desenhar e soltar no seu organismo células ou peptídeos sintéticos capazes de resolver um problema de saúde que uma ou um coquetel de drogas convencionais não seria capaz de resolver? Quais os prospectos disso para a comunidade científica, para as forças armadas e governos, e principalmente, para as pessoas comuns?

É inegável que existem muitas questões bioéticas, em especial, questões neuroéticas, pois afetam diretamente um dos órgãos mais importantes para os humanos, que é o cérebro. As principais questões neuroéticas neste espectro são as intervenções neurotecnológicas, como a implantação de dispositivos intracranianos, neurotrópicos, farmacologia nanotecnológica, estimulação magnética transcraniana, ou até a replicação de um cérebro biológico em um cérebro eletrônico, capaz de cognição e emoções. Podemos abolir a dor, a insanidade, a tristeza, o sofrimento e expandir nossas capacidades emocionais, morais e cognitivas, ou mesmo replicar um cérebro não-biológico? Ao fazer tal, estaríamos abolindo a própria condição humana, como havia profetizado C. S. Lewis? Todas as tecnologias que foram citadas nesses questionamentos não são mais ficções, mas possibilidades, e até fatos científicos que já existem, algumas já foram usadas em humanos, até mesmo em larga escala, com

consequências inauditas ainda a serem descobertas. Parece que o fenômeno transumanista é a caixa de pandora do século XXI, que já foi aberta. A grande pergunta que fica é: e agora?

Fundamentação Teórica

Levantadas essas questões, que não são simples de responder, precisamos entender o que levou a humanidade até este precipício. Precisamos entender a gênese desse pensamento na academia e na sociedade pós-moderna. Duas características parecem ser os responsáveis pela tomada de assalto dessa ideologia nas elites econômicas e acadêmicas: o aspecto niilista da pós-modernidade e o aspecto soteriológico imanentista do transumanismo, a crença milenarista de que o progresso científico emancipará e salvará o homem de si mesmo.

Tendo capturado a sensibilidade espiritual da humanidade por milênios, o niilismo tornou-se o clima cultural predominante da modernidade. É o ambiente que percorremos desde nascituro, o escopo insubstituível através da qual assistimos o desenrolar do mundo. Niilismo é o termo que melhor resume a marcha da civilização humana para a decadência e para seu fim civilizacional. É o niilismo negativo que nos tira a vontade de viver e trabalhar. A este respeito, Nietzsche, fez a seguinte determinação (NIETZSCHE, 1968, p. 44): “Niilismo: falta-lhe a finalidade: a resposta à pergunta ‘Para quê?’”.

Como um animal de carga que se inclina sob o peso das suas próprias contradições e do domínio do absurdo que a existência sem a transgressão que a metafísica possibilita, o niilismo vê o caráter fundamental do ser na composição de sua tragédia. Na mesma medida, Nietzsche identifica um caráter absoluto do niilismo: uma certa alienação do ser, no sentido de que o ser não nos “comunica” nada ao pensamento, e a realidade das coisas não é uma luz própria discernível nem comunicável. Poderíamos acrescentar que a suposição de Nietzsche parece coerente com a avaliação que a cultura ocidental contemporânea tem avançado na aquisição de meios tecnológicos poderosos, mas caiu numa incerteza sobre o fim apropriado, como o uso da internet, das mídias de massa e automação. Somos constantemente capazes de ver mais, fazer mais, produzir mais, mas não temos a menor ideia para

qual finalidade. E as relações humanas não têm escapado da sombra desse abuso, que parte dos aparatos tecnológico, que nos usam, em vez de nós os usarmos.

Essa é a confusão moderna sobre a técnica. A concepção niilista acerca da tecnologia e da ciência produz uma certa visão do mundo, mas que realmente não tem nada a ver com ciência, e sim com filosofia, como a opinião de que nada é real, e de que estamos exilados na matéria. Tudo se resume a materialidade. Sucede disso, que, limites éticos, ou bioéticos, são relativos, são produtos de meras subjetividades, confinadas na materialidade individual. Afinal, se nada é real senão a matéria, não poderia haver coisas como mentes ou leis morais naturais, de caráter universal, extraídos de uma ordem cósmica: a consciência é um composto bioquímico e nada mais. A partir dessa concepção de ciência, que na verdade, é uma concepção filosófica, a própria realidade torna-se incoerente e sem direção, cabendo ao homem medrar algum sentido e ordenar a matéria e dirigir a técnica da forma que lhe aprouver. Partindo dessa concepção niilista negativa acerca da realidade, de que o mundo material é de fato incoerente e desgovernado, qual o objetivo de definir algo, se no fundo, tal definição não é real e concreta, pois definições e modelos científicos não passam de construções mentais maleáveis?

Outro aspecto do niilismo negativo e do materialismo, seja na filosofia e na ciência, é levar invariavelmente a uma espécie de ateísmo. Não se pode escapar dessa causalidade da cosmovisão niilista e materialista. Como o niilismo negativo e o materialismo levam a negação do ser, a negação de categorias metafísicas clássicas, condenam objetivamente a indiferença completa de sua possível existência. Se o ser necessário existir, ele deve ser irrelevante. Não se pode excluir completamente a existência do ser, mas pode-se excluir a existência de um ser que seja importante nas vidas humanas. A consequência final dessa rejeição absoluta do Ser, é a divinização do homem¹. Dado que o niilismo produzirá a destruição completa do significado das coisas, nada mais resta senão rir, como um Demóstenes, ou ficar calado, como um Zenão. Logo, se não existe razão para fazer ou não fazer nada, a não ser cair no riso, no silêncio, ou até no desespero, por outro lado, surgem oportunidades de se criar uma nova realidade a partir desse caos e vazio metafísico, que no fundo, também será ilusório, mas que servirá para promover algum movimento, manietado por

¹ (Cf. FEUERBACH, 1941, p. 19, 21, 29, 35, 45, 142).

membros aptos e conscientes dessas concepções, numa direção que interesse às classes proprietárias e setores intelectuais submissos ao projeto moderno e tecnocrático.

Um dos problemas de negar princípios metafísicos clássicos, como por exemplo, o princípio da identidade, é poder afirmar que cada ser não é o que é. Cada coisa perde sua essência, por sua vez, o homem perde sua personalidade, seu caráter como *pessoa*, para fundir-se num magma indefinido, onde *tudo é um* e *um é tudo*. Negando o princípio da contradição, os contrários passam a coincidir. Tudo é nada. O belo é feio. O bem é o mal. O triunfo da dialética radical, a igualdade dos contrários. A negação desses dois princípios termina por negar o próprio ser. Tudo é um, e esse um é coincidência de opostos, porque está num constante fluir dialético, a única coisa existente é o fluxo, o *devenir*, nada é permanente, o ser não existe, o ser é nada, tudo passa a ser nada, e a realidade, uma miragem.

Logo, nada foi causado, pois não há distinção entre causa e efeito. Por isso nada existe para uma certa finalidade, e não existindo ordem, não há ordem das coisas em relação ao fim. Se não há causa, não há finalidade. A negação dessa ordem faz do universo um vazio absoluto que não pode ter nenhuma ordem racional. O ser não existe e com ele naufragam no abismo do nada, os demais transcendentais. Não havendo distinção entre ser absoluto e ser relativo, não havendo ser, não existe exemplarismo. O mundo deixa de ser espelho mais ou menos claro das ideias arquetípicas do Ser e de suas qualidades. O universo deixa de ser Cosmo para tornar-se algo informe e vazio, um caos, um abismo no qual não paira nem mesmo a sombra do ser. O ser não existe e o universo é nada. Assim sendo, nem mesmo as limitações trazidas pelo espaço e tempo são limites, pois o espaço é material, e somente seres materiais estão sujeitos as contingências da espacialidade: localizar-se é estar aprisionado. O ser identifica, constrange, logo, deve ser nulificado. Quanto ao tempo, duração do movimento, ele só existe para os seres compostos de ato e potência. Logo, a submissão ao espaço e ao tempo é uma afronta ao presente, ao instante, ao fluxo. O resultado do *devenir* é a mutabilidade do ser. A contradição do nada com o ser seria a causa do movimento dialético para o surgimento de uma nova metafísica, que funda um novo ser, agora imanente, pós-humana, do qual tudo culmina: “O começo contém o um e o outro, o ser e o nada, ele é a unidade do ser com o nada; é um não ser que é ao mesmo tempo ser, e um ser, que é, ao mesmo tempo, não ser” (CODA, 2000, p.

4). O niilismo negativo ganha os contornos de uma espécie de “religião”, de cunho esotérico, escondida dos seus adeptos mais superficiais.

Nietzsche denunciou, ainda nascente em seu tempo, essa nova cosmovisão moderna, enquanto complementa o resultado natural dessa cosmovisão, de divinização do homem, quando poeticamente (NIETZSCHE, 2006, p. 129-130) denota que:

Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como podemos nos consolar, os assassinos de todos assassinos. A coisa mais santa e mais poderosa que o mundo já teve sangrou até a morte sob nossas facas: quem limpará este sangue de nós? Com que água podemos nos limpar? Que festivais de expiação, que jogos santos teremos que inventar para nós mesmos? Será que a magnitude deste ato não é muito grande para nós? Não temos que tornarmos nós mesmos deuses meramente para parecer dignos disso? Nunca houve um desejo maior e quem quer que nasça depois desta causa, pertence a uma história maiselevada do que toda a história até agora!”
Aqui o louco caiu silencioso e olhara novamente para seus ouvintes; eles também estavam em silêncio e olharam para ele desconsertadamente.

Essa meta fica clara quando analisamos um dos historiadores mais lidos do mundo contemporâneo (HARARI, 2015, p. 42-43), analista e consultor do *think tank* das elites, o Fórum Econômico Mundial, um dos “profetas” do transumanismo:

Como o *Homo sapiens* não foi adaptado pela evolução para experimentar o prazer constante, se é isso que a humanidade quer, os jogos de video-games e *smartphones* não farão. Será necessário mudar nossa bioquímica e reengenharia de nossos corpos e mentes. Por isso, estamos trabalhando para isso. Você pode debater se é bom ou mau, mas parece que o segundo grande projeto do século XXI – para garantir a felicidade global – envolverá a reengenharia do *Homo sapiens* para que ele possa desfrutar do prazer eterno.

O transumanismo é de fato uma tentativa de reorientação da metafísica, no sentido de que os transumanistas modernos, ao buscarem negar a antropologia e a metafísica clássica, buscam manifestar a premissa de que existe um desejo entre os transumanistas modernos de que sejamos nós, os seres absolutos, criadores e ordenadores da realidade e de na natureza, possível apenas através de uma revolução biológica. Na nova cosmovisão antropológica, produto do niilismo negativo e do materialismo acerca da realidade e do homem, aliado a crença na salvação através da técnica, paradoxalmente, tenta-se transformar o ser relativo em ser absoluto, é “a contradição do Eu que se pretende absoluto e que sonha em se esvair

no Nada” (FEDELI, 2020, p. 69-75). Nessa empreita, iguala-se o ser ao não-ser, o tudo ao nada, e esses princípios dialéticos levam a negação de todos os princípios metafísicos e de todos os valores transcendentais. Busca-se revolucionar o transcendente e todos os valores, destruir o velho, criar o novo mundo e novo homem, imanentizá-los radicalmente (HARARI, 2015, p. 49):

Em segundo lugar, se de alguma forma conseguirmos frear, nossa economia entrará em colapso, com nossa sociedade. Como explicado em um capítulo posterior, a economia moderna precisa de crescimento constante e indefinido para sobreviver. Se o crescimento parar, a economia não se acomodará a algum equilíbrio aconchegante; ela cairá em pedaços. É por isso que o capitalismo nos encoraja a buscar a imortalidade, a felicidade e a divindade. Há um limite para quantos sapatos podemos usar, quantos carros podemos dirigir e quantas férias de esqui podemos desfrutar. Uma economia construída sobre o crescimento eterno, precisa de projetos infinitos – como as buscas pela imortalidade, bem-aventurança e divindade.

Para Harari, a salvação, nesse quadro disforme da realidade turbocapitalista significa divinização tecnológica, e não superação do capital, e essa salvação se obtém apenas quando se consegue escapar do tempo, manifestação da contingência, da destruição do *Homo Sapiens*, preso ao tempo, para a emergir como *Homo Deus*.

Se o niilismo negativo e a redução materialística pretendem alterar completamente o bom senso e emancipar a racionalidade humana da realidade e das categorias metafísicas, o transumanismo é apenas uma continuação externa desses princípios filosóficos anteriores. O transumanismo parece nascer como um movimento filosófico e social natural do niilismo negativo moderno e do materialismo, amparando-se no milenarismo, uma crença utópica da perfectibilidade do homem a partir dos avanços tecnológicos. O transumanismo parece florescer e ganhar grande terreno, seja dentro ou fora das academias, graças aos grandes investimentos de seus financiadores, na tentativa de governar a anarquia social e econômica, fruto da própria convulsão de um mundo niilista e materialista, por meio de uma evolução dirigida da espécie humana, onde o mundo será povoado por homens que pensam que vão se tornar super-homens, junto com novos deuses, as superinteligências artificiais. Não é de se espantar que muitos estudiosos desse fenômeno moderno, enxergam claramente nesse sonho escatológico e revolucionário uma espécie de inversão da esperança cristã em um reino dos céus espiritual, com a libertação da morte, a apoteose da carne e da consciência de forma imanetizada. Os próprios defensores

mais ardorosos do transumanismo, apesar de ateístas e materialistas radicais, não parecem esconder esse caráter religioso e soteriológico, quase mitológico, do transumanismo.

Elise Bohan, filósofa australiana e um dos ícones do transumanismo contemporâneo, não esconde seu desdém da humanidade ao dizer que nossos “cérebros de macaco” são ineficientes e incapazes de prever o futuro, o evento horizonte, que é imaginar como pensaria um transumano ou uma sociedade transumana, e de que estamos presos nesse viés de “cérebros de macaco”. Mesmo assim, ela nos convida a pensar sobre esse futuro, claramente nos colocando num dilema de aceitar ou não esse futuro inescapável (BOHAN, 2022, p. 62):

Você não precisa gostar de transumanistas ou querer nos convidar para um jantar. Mas você deve estar interessado no que temos a dizer e aberto à perspectiva de ter suas opiniões sobre a humanidade e seu futuro nos próximos séculos questionados. Se há algo que nossa sociedade global pode aprender com uma visão de mundo transumanista, é a importância de ter uma visão de longo prazo, jogar o longo jogo e minimizar riscos existenciais, para que a humanidade e *as futuras formas* de vida inteligente não tenham seu potencial aniquilado. O resto é com você ou sem você.

O aspecto soteriológico não é segredo para a autora e para seus colegas dentro do movimento. Todo o caos social, os medos e as expectativas de nosso tempo parecem gerar um fervor religioso e zelo entre os adeptos do transumanismo que possuem um perfil aberto a religiosidade, que difere das religiões tradicionais, em enxergar o transumanismo como uma religião.

Essa parece ser uma das principais premissas do movimento transumanista (KRUGER, 2021, p. 78-82), ao criar um imaginário social e religioso transumanista, que estão profundamente enraizadas nas próprias instituições sociais, especialmente na cultura moderna STEM (*Science, Technology, Engineering and Mathematics*), com seus “locais sagrados”, como o Vale do Silício ou o laboratório do *Google*, com seus “sacerdotes”, homens e mulheres que trabalham diligentemente para o “bem do futuro pós-humano”, como Elise Bohan, Yuva Harari, Jay P. Bishop, Ray Kurzweil, entre outros grandes especialistas em ciência e tecnologia do mundo moderno, assim como seus “profetas” visionários, como Natasha Vidamore ou Max More, com seu “sumo sacerdote”, Elon Musk, e com suas instituições de ensino superior, assim como empresas privadas, *think tanks* e fundos de investimentos bilionários, fundando, apoiando e financiando grande parte desse trabalho nas universidades.

Com um apoio fortíssimo na filosofia, principalmente vindo dos países anglófonos, de onde extraem sua relevância política, com sua posição de guardião dos “dogmas” politicamente aceitos, e de onde não se deve ir além, se não se submeter ao pensamento hegemônico ou suas normativas acadêmicas, essa nova perspectiva filosófica parece estar tornando-se o centro de atenção das universidades modernas.

Yuvah Noah Harari, o ícone mais popular do transumanismo contemporâneo e consultor de um dos maiores e mais poderosos *think-thanks* do mundo, o Fórum Econômico Mundial, imagina que os transumanistas levarão o homem para além da evolução, tornado-os como deuses (HARARI, 2019, p. 20): “Tendo salvo as pessoas da miséria abjeta, agora vamos tentar fazê-las positivamente felizes. E tendo elevado a humanidade acima do nível bestial das lutas pela sobrevivência, agora teremos como objetivo elevar os humanos a deuses e transformar o *Homo sapiens* em *Homo deus*”.

Yuri deixa claro que o objetivo final da revolução transumanista é transpor a humanidade para além da evolução, por meio de um direcionamento evolutivo direto. Harari acredita que em algum momento no futuro, poderemos ter a força de um Hércules, a beleza de uma Afrodite, a sabedoria de uma Atena.

Não podemos ignorar que esse flerte com o antigo paganismo será não só possível, mas que será bem-visto pelos transumanistas. A diferença é que nessa nova “religião” o ídolo é o próprio corpo, a própria existência e as suas capacidades sobre-humanas. Esse aspecto da criação de um novo homem e a esperança de uma sociedade perfeita, administradas por superinteligências artificiais, são categorias utópicas já conhecidas, como vimos nas tentativas de sociedades socialistas e fascistas. A revolta biológica, e em certa medida metafísica, presente na revolução transumanista, parecem surgir de uma certa soberba, elemento comum entre as obras transumanistas, na qual o homem é visto como um ser perdido, fruto do acaso cósmico, em eterno desespero e crise existencial, sem perspectiva material além da morte e o encontro com o nada que o trouxe a existência, e que os “profetas” desse novo evangelho são nossos guias e salvadores, quer queiramos ou não.

A diferença agora é que a humanidade entrará em um novo nível de existência, através do termo utilizado *ad nauseum* em muitas obras dos ideólogos transumanistas, um “*upgrade*”, que poderá elevar a humanidade para além da humanidade. Porém, como saberemos se será acessível a todos? Esse cenário não

subtrai a possibilidade de sublevar a humanidade, por meio de um controle absoluto e totalitário, em uma prisão de ferro burocrática *panóptica*, tanto interna quanto externa, sob a configuração inescapável do capitalismo de vigilância, através de corporações donas da tecnologia, num nível nunca antes visto na história humana. O novo campo de concentração será o próprio corpo transumanista, ou na perspectiva de um bioconservador, usando o termo de Hans Jonas, os “radicais” que não desejam tomar parte nessa revolução e desejarão manter sua autonomia corporal, restará os possíveis guetos da sub-humanidade.

Francis Bacon, em sua obra *Nova Atlântida*, prognosticava uma civilização utópica que controlará a natureza, a geração de novos homens e a gestão da própria sociedade, sob os augúrios de uma classe dominante tecnológica, despótica e esclarecida, na qual o objetivo final da tecnologia é o controle e manipulação de toda natureza, humana e não-humana, libertando o homem de suas fragilidades, ao mesmo tempo que o liberta de sua própria humanidade e sua natureza. O controle absoluto dos algoritmos sobre nossa personalidade, baseado no que consumimos, como no que vestimos, o que comemos, o que ouvimos, as pessoas com quem convivemos, parece um prenúncio terrível e pobre substituto da liberdade humana que esse futuro produzirá.

Para o transumanista, paradoxalmente, a única saída, a única forma de liberdade, de salvar o homem, assim como em última instância escapar da morte, é a criação de um novo homem, através da tecnologia e o domínio absoluto de sua natureza. A solução é tornar-se “deus”, buscar estender a vida indefinidamente: a busca é pela imortalidade e por poderes, seja por meio de incorporações de elementos tecnológicos no corpo, ou até mesmo a transmigração da consciência para uma entidade completamente artificial. Simon Young deixa claro seu desdém pelo ser humano e pelas religiões abraâmicas, fruto da grande apostasia ocidental, quando diz que assim “como o humanismo nos libertou das cadeias da superstição, permitamos que o transumanismo nos liberte das cadeias biológicas” (YOUNG, 2006, p. 32).

Esse novo humanismo difere do humanismo clássico por não exaltar o homem, mas por exaltar a ideia do que o homem pode se tornar se aderir aos dogmas transumanistas, aproximando-se da concepção “dado-cêntrica”, simultaneamente substituindo as “superstições” e transformando o homem no seu próprio deus, com capacidades que transcendem as atuais. O que os arautos desse novo mundo

parecem esconder deliberadamente é o quantas capacidades que a grande massa possuirá, à revelia das elites, membros das grandes corporações e donos de enormes fortunas, que são inegavelmente, os maiores investidores e mais interessados nessa nova visão e construção de mundo. Nick Bostrom acredita que no futuro, o sonho transumanista se realizará quando a fraca e frágil humanidade transcender, superando sua própria natureza e tornando-se pós-humana (BOSTROM, 2003, p. 4):

Transumanistas enxergam a natureza humana como um trabalho em progresso, uma gênese mal orientada na qual podemos remodelá-la da forma desejada. A atual humanidade não precisa ser o ponto final da evolução. Transumanistas acreditam que pelo uso responsável da ciência, tecnologia e outros meios racionais, nós eventualmente conseguiremos tornar-nos pós-humanos, seres com capacidades mais vastas que os atuais seres humanos possuem.

Logo, por meio da manipulação da natureza, utilizando a engenharia genética, drogas farmacêuticas inteligentes, terapia gênica e/ou nanotecnologia, como vemos surgir nos últimos anos. Sutilmente a marcha rumo ao transumanismo e da necessidade de aprimoramentos cibernéticos de nossa constituição física, emocional e cognitiva avança. Os teóricos transumanistas buscam dirigir a evolução da raça humana e nos transformar em uma espécie nova, com essas mudanças revolucionárias, possivelmente livrando-se da raça humana como conhecemos, criando algo completamente artificial.

Essa é uma das hipóteses correntes entre os estudiosos desse fenômeno, e alguns desses pesquisadores não tem o menor pudor em esconder o entusiasmo com a criação de um “*novo homem*”, enquanto outros estudiosos mais cautelosos estão soando o alarme, dentro do movimento transumanista, para esse possível fim da humanidade, a extinção dos seres humanos. Nós, que estamos vivenciando todo esse movimento filosófico e tecnológico, teremos a oportunidade de saber se o que está por vir, será o novo homem, fruto do processo dialético niilista e do capitalismo de vigilância que observamos. Esse movimento está a preparar, no âmbito especulativo e cultural, o caminho para o surgimento do “novo homem”, liberto de todas as cadeias da biologia, mas também da moralidade e da metafísica. Portanto, o objetivo do movimento transumanista é nada menos do que *viver para sempre*, imune a qualquer amarra biológica, social, moral, filosófica ou religiosa, por meio do aprimoramento de seus corpos orgânicos, da completa substituição de seus corpos orgânicos por novos

corpos artificiais ou com partes artificiais, ou por meio da injeção e manutenção de suas mentes em um meio completamente virtual, através de um “*upload*” de suas mentes na nuvem, na internet ou em alguma nova tecnologia, onde supostamente poderá ser recuperado um dia, quando seus corpos forem trazidos de volta, por meio de uma variedade de ideias fantásticas, projetadas para o futuro próximo da humanidade. Jeffrey P. Bishop, um cauteloso estudioso do fenômeno descreve seus colegas mais entusiastas da seguinte forma (BISHOP, 2010, p. 7):

A vontade humana, uma conquista evolutiva, volta-se para ordenar o caos da ontologia criativa e, dessa forma, decreta uma teologia ordenadora. Esse novo estágio do devir – um ponto culminante na série de forças criativas não direcionadas – resulta em diferentes possibilidades criativas, de acordo com algumas forças criativas não direcionadas – resulta em diferentes possibilidades criativas, de acordo com alguns pensadores recentes.

Um pouco adiante Bishop (2010, p. 8) nos esclarece que, apesar da boa vontade em buscar ordenar o caos e dirigir a evolução:

A crença metafísica transumanista é que nós, seres humanos, estamos em uma jornada evolutiva, do humano ao pós-humano; os sábios e inteligentes o suficiente para ver e entender a natureza transitória do ser humano são, portanto, humanos transitórios. A filosofia do transumanismo busca ordenar o devir evolutivo. Esse poder de ordenação assume um caráter teológico da mesma forma que Heidegger entende por teologia. Aqui, porém, o deus desses filósofos transumanistas é o deus que ordena o poder criativo para um novo ser, um novo deus, ou seja, para o pós-humano. As filosofias transhumanistas. As filosofias transumanistas, em minha opinião, são a coincidência das forças eternas e criativas do devir, assim como elas se voltam, no momento consciente, para o controle, em direção ao domínio. O transumanismo busca incorporar de forma diferente o *Übermensch*.

É inegável em algumas obras de autores otimistas sobre o transumanismo, a criação de uma nova era messiânica, que está sendo cultivado nas massas por meio dos seus “profetas” e por meio da cultura de massa, utilizando a ciência e a ficção científica como vetores ao fomentar a ideia de que essa nova era libertará a humanidade de sua miséria pós-moderna, assim como o surgimento de uma superinteligência computadorizada benevolente que avançará rapidamente o aprimoramento da biotecnologia, nos ajudando a alcançar a imortalidade, uma imortalidade imanente. Essa superinteligência é imaginada pelo autor e futurista Ray Kurzweill, que acredita numa fusão tecnológica da consciência humana – mesmo

fatalmente sem definir ou saber exatamente o que seja a consciência humana – e da inteligência artificial (KURZWEILL, 2005, p. 374).

Harari não esconde os aspectos soteriológicos dessa nova “religião”, mesmo não concordando com tudo que outros transumanistas pregam, como a divinização humana diretamente através da tecnologia. Ele acaba pregando uma divinização da humanidade, de forma indireta, através do que ele chama de “dataísmo”, a “internet de todas as coisas”, que eventualmente cobrirá toda a Terra e além, criando um sistema cósmico de processamento de dados, que saberá de tudo, controlará tudo.

Os utopistas transumanistas parecem demonstrar uma necessidade premente de destruir qualquer velha ordem ou instituição humana. Todos parecem estar determinados na criação e exaltação da “singularidade”, como eles chamam, que é uma espécie de superinteligência tecnológica, para alguns, mas um pesadelo pós-humano para outros. Ray Kurzweill demonstra claramente (KURZWEILL, 2005, p. 570), com uma certa arrogância e com bastante otimismo, sua crença nas promessas da evolução dirigida pelo transumanismo, capaz de trazer “uma complexidade cada vez maior, uma elegância, um conhecimento, uma inteligência, uma criatividade, uma beleza inacreditável, e níveis maiores de atributos mais sutis, como o amor”. Aparentemente, os proponentes do transumanismo, não pouparão esforços materiais e tecnológicos para colocar toda a humanidade frente a frente com um dilema inescapável: adaptar-se ao “futuro” ou deixar de existir.

Conclusão

Concluimos com um alerta acerca da natureza dessa revolução inevitável (BISHOP, 2010, p. 18-19):

[...] a ontoteologia do transumanismo não se permite facilmente estar aberta a um questionamento profundo sobre o que é considerado desejável em nosso futuro pós-humano. Questionar o futuro pós-humano é questionar a evolução e a ontologia com base científica; questionar o futuro pós-humano é questionar nossa liberdade de nos tornarmos o que quisermos. Para questionar o futuro pós-humano é questionar tudo de bom que foi produzido pelo Iluminismo, pelo liberalismo e, de fato, pelo humanismo. Afinal de contas, quem pode ser contra o alívio do estado humano? A pessoa se torna ridícula, um ludita ao questionar o aprimoramento. Questionar o futuro pós-humano é ser ridículo, ser um bioconservador (Bostrom, 2005a), um sacerdote ou sábio pedalando com medo, contando histórias de precaução, de acordo com Bostrom (2005b). Questionar o futuro pós-humano é questionar a base

teológica do transumanismo. do transhumanismo; questionar o futuro pós-humano é questionar o deus pós-humano, um sacrilégio contemporâneo.

Questionar a crença do progresso infalível da tecnologia e seu uso, a deificação do homem através dessa tecnologia, a dominação absoluta de sua própria evolução, um “design inteligente”, como Harari utiliza, ao ressignificar o termo que tem origens nos círculos protestantes criacionistas, se tornará uma heresia na pós-modernidade, em não muito tempo.

O dilema transumanista vai muito além das críticas “bioconservadoras” ou do temor de cometer um sacrilégio contemporâneo ao resistir a mudanças tecnológicas intrusivas: o dilema transumanista coloca em dúvida, ou até mesmo em cheque, tudo o que conhecemos como civilização e humanidade.

Essa esperança escatológica na tecnologia inevitavelmente elevará a humanidade ao progresso? Essa não era a crença dos racionalistas e cientistas do início do século XX, o século mais bárbaro da história humana? Afinal, o futuro será pós-humano ou sub-humano?

Referências

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. São Paulo: Editora Zahar, 1985.

BISHOP, J. P. Transhumanism, metaphysics, and the posthuman God. **Journal of Medicine and Philosophy**, n. 35, 2010, p. 700-720.

BOHAN, E. **Future Superhuman**: our transhuman lives in a make-or-break century. Sidney: New South Publishing, 2022.

BOSTROM, N. **Transhumanists values em Ethical issues for the 21st Century**. Oxford University, 2003. Disponível em: <https://nickbostrom.com/ethics/values.pdf>. Acesso em: 01.jul.2024.

CAUGHILL, P. **Researchers have linked a human brain to the internet for the first time ever**: welcome to the ‘Brainet’. Disponível em: <https://futurism.com/researchers-have-linked-a-human-brain-to-the-internet-for-the-first-time-ever>. Acesso em 01.jul.2024.

CODA, P. Questio de Alteritate in Divinis, Agostino, Tomaso, Hegel. **Dialegethai, Rivista telematica di filosofia**, anno 2, 2000. Disponível em: <https://mondodmani.org/dialegethai/articoli/piero-coda-02>. Acesso em: 01.jul.2024.

FEDELI, O. **Antropotésimo, a religião do homem**. São Paulo: Flos Carmeli Edições, 2020.

FEUERBACH, L. **La Esencia del Cristianismo**. Buenos Aires: Claridad, 1941.

GIBSON, D. G. *et al.* Creation of a Bacterial Cell Controlled by a Chemically Synthesized Genome. **Science**, n. 329, 2010, p. 52-56.

HARARI, Y. N. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

HARARI, Y. **'Homo sapiens is an obsolete algorithm'**: Yuval Noah Harari on how data could eat the world His magisterial history of humankind, Sapiens, was an international best seller. Now Yuval Noah Harai is back with a big new idea: Dataism. Disponível em: <https://www.wired.co.uk/article/yuval-noah-harari-dataism>. Acesso em: 01.jul.2024.

HE, S. The first human trial of CRISPR-based cell therapy clears safety concerns as new treatment for late-stage lung cancer. **Sig Transduct Target Ther**, n. 5, 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41392-020-00283-8>. Acesso em: 01.ago.2024.

KURZWEILL, R. **The singularity is near: when humans transcends biology**. New York: Penguin Books Ltd., 2005.

KRÜGER, O. **Virtual immortality: God, evolution, and the singularity in post and Transhumanism**. Berlim: Transcript Verlag, 2021.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala, 2006.

NIETZSCHE, F. **The will to power**. Tradução de Walter Kaufman. Nova York: Vintage Books, 1968.

REARDON, S. **Interspecies telepathy: human thoughts make rat move**. Disponível em: <https://hms.harvard.edu/news/interspecies-telepathy-human-thoughts-make-rat-move>. Acesso em: 01.jul.2024.

YOUNG, S. **Designer evolution: a transhumanis manifesto**. Amherst: Prometheus Books, 2006.

ZHANG, S.; YUAN, S.; HUANG, L. *et. al.* Human Mind Control of Rat Cyborg's Continuous Locomotion with Wireless Brain-to-Brain Interface. **Sci Rep.**, n. 9, 2019. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41598-018-36885-0>. Acesso em: 01.ago.2024.

Recebido: 20/09/2024
Aprovado: 06/12/2024